

O Ano da Necessidade

JUAN CARLOS OLIVAS

Preâmbulo de Álvaro Alves de Faria

*V Prémio Internacional de Poesia
Pilar Fernández Labrador - Salamanca*



CEIAS

Centro de Estudos Ibéricos
y Americanos de Salamanca
«Federico de Oñis – Miguel Torga»

«COLECCIÓN SALAMANCA»

Bajo la dirección general Alfredo Pérez Alencart
profesor de la Universidad de Salamanca

Serie NEGRA:

Derecho y Economía (Biblioteca Carlos Palomeque)
Responsable: Alfredo Pérez Alencart, Universidad de Salamanca
Jorge Leite, Universidade de Coimbra

Serie VERDE:

Historia, Educación y Geografía (Biblioteca Guillermo Morón)

Serie ROJA:

Novela y Cuento (Biblioteca Juan Rulfo - Teixeira de Pascoaes)
Responsable: Carmen Ruiz Barrionuevo, Universidad de Salamanca;
Rui Dias Guimarães, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Serie GRIS:

Poesía y Ensayo Literario (Biblioteca Gastón Baquero)
Responsable: Alfredo Pérez Alencart, Universidad de Salamanca

Serie AMARILLA:

Temas Científicos (Biblioteca Abraham Zacut
Oscar Miró Quesada de la Guerra)
Responsable: Alfonso Ortega Carmona
Universidad Pontificia de Salamanca

Serie MARRÓN:

Periodismo, Biografía y Viajes
(Biblioteca Germán Arciniegas - Antonio Tovar)
Responsables: José Luis G. Grego, Periodista;
Ángel San Juan Marciel, Universidad de Salamanca

Serie CIAN:

Antropología, Sociología y Ecología
(Biblioteca Dionisio Castillo - Francisco Rodríguez Pascual)
Responsables: Ángel Infestas Gil y Luis Enrique Espinoza;
Universidad de Salamanca

Serie NARANJA:

Filosofía y Política (Biblioteca Juan Nuño - José Carlos Mariátegui)
Responsable: Manuel Sánchez del Bosque;
Universidad Pontificia de Salamanca

Serie MAGENTA:

Clásicos y Ediciones Críticas (Biblioteca Alfonso Ortega)
Responsable: Luis Frayle Delgado, Latinista

Serie AZUL:

Teatro y Arte (Biblioteca Juan del Enzina - Carlos Contramaestre)
Responsable: Miguel Elías

El CEIAS es una institución cultural creada por profesores universitarios y profesionales salmatinos y emericanos con la finalidad de promocionar actividades sobre España, Portugal y América del Sur, del Centro y del norte.

O ANO DA NECESSIDADE

Salamanca, 2019

O ANO DA NECESSIDADE

Juan Carlos Olivas

*V Prêmio Internacional de Poesia
Pilar Fernández Labrador - Salamanca*

Preâmbulo de *Álvaro Alves De Faria*

Tradução de *Leonam Cunha*



Centro de Estudios Ibéricos
y Americanos de Salamanca
«Federico de Onís – Miguel Torga»

“COLECCIÓN SALAMANCA”
POESÍA Y ENSAYO LITERARIO
(BIBLIOTECA GASTÓN BAQUERO)
57

© Juan Carlos Olivas

© Centro de Estudios Ibéricos
y Americanos de Salamanca (España)

Depósito Legal: S-20

ISBN: 978-84-95850-55-3

Tradução: *Leonam Cunha*

Preâmbulo: *Álvaro Alves de Faria*

Pintura da capa: *Miguel Elías*

Fotografia do autor: *Jacqueline Alencar*

Projeto Gráfico: *Florencia Zabala*

Impresso em Espanha / Printed in España, Año 2019

V PRÊMIO INTERNACIONAL DE POESIA “PILAR FERNÁNDEZ LABRADOR”

Um júri, integrado por António Salvado, Carmen Ruiz Barriounuevo, Jesús Fonseca, Alfredo Pérez Alencart, Carlos Aganzo, José María Muñoz Quirós, **Julián Barrera Prieto** e Inmaculada Guadalupe Salas, concedeu este prêmio em Salamanca, em 29 de abril de 2018, ao poeta costarricense Juan Carlos Olivas por seu livro “O ano da necessidade”, um dos quinze trabalhos selecionados como finalistas, dos oitocentos e dez inscritos de todos os países ibero-americanos: Espanha, Portugal, entre outros. O prêmio, concedido anualmente, é convocado pela Associação de Mulheres em Igualdade, com a colaboração da Sociedade de Estudos Literários e Humanísticos de Salamanca (Selih) e Deputação Provincial de Salamanca.



Índice Geral

PREÂMBULO	13
A BALA.....	21
O SAGRADO	23
O ANO DA NECESSIDADE.....	24
CANÇÃO DO POBRE	26
ROMARIA.....	28
A VELA	30
HISTÓRIA GERAL DAS SOMBRINHAS.....	31
DIALÉTICA DO CUBO RUBIK	33
MAGNUN 357	35
SOBRE A TENTACÃO.....	37
IDADE DO TREMOR.....	39
AS DÚVIDAS DE JONAS	41
O ANIMAL.....	42
AINDA.....	43
ANOTAÇÕES PARA UMA DEIDADE.....	44
CHAVES DO DELÍRIO	46

ELEGIA ÀS PEÇAS DE XADREZ.....	48
MEDITAÇÃO DO CORVO	49
O TIGRE E A ROSA.....	51
CICLISTAS DA LUA	52
PENSAMENTO À MEIA-NOITE.....	54
FESTIVAL DA LUZ.....	55
PLACENTA	56
UMA VOZ LÁ DE FORA.....	57
A CONSTÂNCIA DA BRUMA.....	58
SÉPIA (Dia dos Mortos N°1).....	60
ENQUANTO OLHÁVAMOS UMA FOTO DE VALLEJO.....	62
UMA TEMPORADA COM BORGES.....	65
TARÂNTULA.....	67
GARÇAS.....	69
ORQUÍDEA	70
CRER NO INVISÍVEL.....	71
O CADERNO AZUL.....	73
NOTAS DE RODAPÉ	75
A CASA EDIFICADA	78
REFÚGIO TEMPORAL.....	80
PESCA.....	82
SOBRE A MULTIDÃO.....	83

TRATADO DO QUE É EFÊMERO E PODE-SE DAR NOME.....	85
DALILA	86
REMENDOS	87
CONVERSA ENTRE ALMOFADINHAS (Dia dos Mortos N°2)	89
CULTO PESSOAL.....	91
EM DEFESA DO SAPATO	93
O AQUÁRIO	95
O DESVÃO CELESTIAL	96



Preâmbulo

A POESIA DO AGORA

O poeta é um ser de sombras. Mas não é um anjo gótico. É um ser de sombras, desses que se perdem sempre e inventam noites para se esconder de si mesmos, como se isso ainda fosse possível. O poeta é, sim, um ser de sombras, mas poucos sabem. Convém que seja assim para que possam existir neste tempo de negações e fermentos incuráveis. Convém que o poeta seja de sombras para poder caminhar entre as árvores apagadas no tempo sem ser notado por ninguém.

Esse sentimento se aflora na leitura deste *“O Ano da Necessidade”*, do poeta Juan Carlos Olivas, de Costa Rica, dono de uma bela linguagem poética, de esmero e zelo, de elaboração precisa, correta, exata, contundente. O título do livro de Juan Carlos Olivas, *“O Ano da Necessidade”* vem de um poema do poeta espanhol Antonio Gamoneda, de longa trajetória na poesia e na busca da palavra. Cumpriu à risca o que o título inspira, de caminhar sempre, buscar sempre, sentir sempre, calar nunca. *“Chegamos ao ano da necessidade./ Foi só sair o sol/ e pudemos medir a dimensão da catástrofe”*, escreve Juan Carlos, como a fazer um roteiro dos poemas que atravessarão este livro sem fazer concessões a nenhuma facilidade, deixando que sua narrativa poética siga até as últimas consequências que o poema e a palavra podem suportar. Tempo de catástrofe, sim. Tempo de becos sem saída. Tempo de questionar Deus e a própria poesia como testemunha de um tempo mau, que engole o homem e faz desaparecer todas as coisas ainda vivas num universo em ruínas.

Diante de tal cenário, Juan Carlos Olivas afirma: “Ainda que fale da luz/a tinta será negra”. E não pode ser diferente. A tinta será sempre negra com letras retorcidas no poema que insiste existir. É angustiante sentir a necessidade de “despedir-se da liberdade/ atar-se à copa da árvore mais alta/ que será consumida na fogueira do bosque”. Mas é essa a paisagem. Inútil e até impossível fugir de cenas assim, que preenchem todos os espaços da vida, da chaga, do corte e da morte. Este livro é um caminhar de distâncias que se perdem ao olhar, mas vivem por dentro do próprio poeta, como uma ferida sem cura. “Para um homem que leva sua casa nas costas/ é difícil caminhar”.

Essa é a palavra dessa poesia de Juan Carlos Olivas, de uma amarga constatação costurada na pele com agulhas que ferem cada vez mais. O poeta se vê perseguido pelo corvo de Edgar Allan Poe, sempre a dizer “nunca mais!”, “nunca mais!”. É a sombra de Poe a invadir o poema como uma faca que arranca as mãos e anula qualquer aceno. “Nunca mais!”. Essa é a palavra do corvo de Poe que bem cabe no poema e na poesia de Juan Carlos Olivas que tanto percorre os infernos de Dante como observa Jorge Luis Borges a tropeçar cego de si na própria escuridão e a claridade de Kafka, Goethe, Whitman. Com certa amargura o poeta afirma num dos poemas deste livro que narra bem este tempo de desencantamentos: “Ninguém nos reconhece na rua/ e percebemos/ que a arte nem sempre tem razão”.

É mesmo assim: a arte nem sempre tem razão, isso vai da circunstância da própria arte, o que vale especialmente para a poesia, para a palavra, para o silêncio e para o que deixa de ser. No final, é preciso dizer que o poeta leva um filho pródigo dentro de si, a seguir sempre o que lhe é possível ainda num tempo de muros altos cercando a vida. O filho pródigo, talvez um poema, talvez o nada, talvez o incerto, talvez o que não existe mais, certamente o sonho desfeito. Esse sonho de viver. Impossível sonhar. Como afirma o próprio poeta, pobre daquele que em sua solidão tem

uma aranha a subir por sua garganta. A picada poderá ser mortal. Fora o pavor do instante.

Juan Carlos Olivas sinaliza a poesia deste livro ao utilizar, como epígrafe, trecho de um poema do poeta e escritor americano Raymond Carver, que discorre sobre o que a frustração pode fazer com um homem. Pode fazê-lo chorar ou derrubar uma parede com um soco. Pode sonhar com uma casa que seja sua, cheia de música e generosidade: “Uma casa na qual ainda não vive ninguém”. Sim, uma casa sua, mas para dela fugir. É mesmo preciso fugir. É mesmo preciso arrebentar tudo. Deixar pedra sobre pedra. Eis uma constatação cortante de Juan Carlos Olivas, ao dizer que, como um bicho vivaz que pula entre as chamas, o poema foge às mãos e dá nome às coisas antes de destruí-las. O poema atravessa a sua sina e a sina do poeta que o escreve. O mundo está suficientemente distante da vida do homem, essa vida que não consegue viver. Lembra-se de seu vizinho que tem uma Magnum 357, que no quintal dá tiros para o ar. Poderia matar Deus? Mas Deus conhece todas as armas. Saibam: a nostalgia é um animal que não morde e sobre a língua do poeta há um cavalo. As sombras galopam e à noite os cavalos se perdem, quando todos estão adormecidos. E todos estão mesmo adormecidos. A poesia tenta acordar as vozes e a palavra esquecida em qualquer lugar.

Neste livro de Juan Carlos Olivas a poesia encontra um momento mágico, porque se mostra por inteiro, na indignação, na ausência, no silêncio, na dor. Essa magia da palavra se mostra num dos poemas dedicados ao dia dos mortos: “Hoje os pequeninos perguntam pelos tios mortos”. Um momento à parte, somente dois versos dentro de um poema que podem mostrar a dimensão desta poesia produzida entre sombras ou tomando o chá da tarde, enquanto o poema não se concluiu. O poeta não sabe se uma flor tem a esperança de viver para sempre. Antes, na verdade, sabe que as flores não existem mais, arrancadas que foram por mãos austeras que cavoucaram a terra até a raiz. Sente compaixão dos ateus que

vivem falando de Deus, observando que a fé consiste em ter, em vez do coração, um grande bloco de gelo que permanece intacto mesmo sob o mais duro sol. Afinal, a poesia e a palavra poética entram nesse espaço abrindo as brechas para uma existência que já nem todos sentem, diante e dentro da brutalização. Sim, é verdade, os temas da poesia são os mesmos há vinte séculos: o amor, a morte e a passagem do tempo. É verdade. “O quão me custa fazer poesia ou o compromisso dela no mundo exterior”, confessa o poeta pensando no cotidiano, nas coisas de todos os dias. No entanto, esse é o outro lado do poeta que é um ser de sombras, envolvido nas sombras, enfiado nas sombras, seu retrato mais perfeito.

Toda a trajetória deste livro pode ser resumida em um pequeno poema de sete versos que revela esse universo poético com as palavras corretas: “Para que as riquezas,/ os palácios/ com suas muralhas incessantes,/ se posso cuspir/ esta noite num charco/ e fazer que a lua dance/ tão só para mim?”. Aí está a narrativa dessa palavra diante de um mundo sem rumo, como um espelho que guarda as imagens derradeiras do que foi ainda possível viver. Uma afirmação desta poesia humana prova que ainda há possibilidade do gesto solidário e participativo. Esta: “Que todos nossos passos conduzam à errância/ à fábrica de corações nômades/ que irá forjando o tempo”.

Eis uma poética do agora, da urgência, da palavra ferida. Uma poética como exige a poesia.

Álvaro Alves de Faria
Jornalista, poeta e escritor
São Paulo-Brasil

*Para Vanessa e Juan Pablo,
artífices da luz.*



*Vi em primeira mão
o que pode fazer com um homem a frustração.
Pode fazê-lo chorar, derrubar uma parede
com um murro. Pode levá-lo a sonhar
com uma casa que seja dele
ao final de uma longa estrada. Uma casa
repleta de música, calma, generosidade.
Uma casa na qual ainda não vive ninguém.*

RAYMOND CARVER



A BALA

Isto é uma bala.
Olha-a bem.
Coloca-a entre teus lábios.
Assim podes te defender ou mata-te num segundo.

Fecha os olhos e pensa
nos dias que se acabam
como um bando de águias cegas.
Pensa nos ritos afogados pela luz,
nos beijos que pareciam dardo na tua infância,
na morfologia das árvores fantasmas,
nas palavras que a piedade não entende,
nos desenhos de diesel
que crescem nos charcos
como um pequeno Apocalipse.

Pensa em teu país como num ninho de vespas,
na casa que te designaram para viver, a casa que não tens,
no teu trabalho que dá somente para viver uma vida
e não essas outras, as que passam pela tua cabeça
no momento exato depois de um acidente.

Pensa nos vários cães que morreram
às margens de uma estrada,
nos aviões que vês cruzar de um lado
ao outro do céu, até que não os vês
nem os escutas, porque sabes que algo de ti foi embora com eles.

Pensa em quem espera,
em quem se arrebenta e se pendura numa árvore
como uma fruta que nunca termina de cair.
Pensa em teu nome, apagado de repente
mesmo que voltes a escrevê-lo nas paredes, nos vidros,
nos obituários de um mundo que pertence a ti.

Aí está a chuva, pensa nela;
sente-a como uma enxurrada de peixes luminosos,
como uma fila de anjos que estão dormindo
por conta de sua própria música.

Aqui está Deus, em tuas mãos lodosas repentinamente,
pensa n'Ele como um ancião, ou como um feto
no ventre da galáxia sombria
onde move os braços para dizer-te algo
que não conseguirás entender.

Pensa no trigo que ninguém vai colher neste verão,
nos mundos silentes do desespero,
nas portas que se abrem uma vez para todo o sempre
e voltam a se fechar num golpe de asas.

Aqui estão as datas do dia em que você nasceu
e esse incerto dia em que terás que partir;
pensa no tempo, no alento que te resta,
e abre os olhos para sentir ainda mais
essa bala entre teus lábios.

Chegou a hora.
À tua frente há um espelho com forma de papel.
Cuspa agora o que tiveres a dizer,
faz-te fogo,
faz-te ferida,
não penses nisso,
atire.

O SAGRADO

O que disseste sagrado
agora jaz sobre a terra.

Como uma mão sobre as cordilheiras
o mundo espreme a estranha claridade
dos pastores que semeiam cicatrizes
na raiz da água.

Logo, logo começará a chover
e crescerão os campos
cobertos de mandrágoras,
rendidos por essa verborreia de tronos
e deuses dissecados.

Depois virão aqueles que cegam
e separarão tudo que serve do que não serve.
Eu me aproximarei então dos teus olhos
para tocar a relva,
e o tempo arderá
como qualquer palavra,
como qualquer ponto de luz,
sobre o escuro barro
da vertigem infinita.

O ANO DA NECESSIDADE

Este é o ano da necessidade.

ANTONIO GAMONEDA

Chegamos ao ano da necessidade.
Foi só sair o sol
e pudemos medir a dimensão da catástrofe.
O barro cobria toda nossa casa;
não sobrou lugar para sua antiga pulcritude,
e tivemos que nos desfazer da mobília,
as cartas que flutuavam sobre os charcos insalubres,
os brinquedos que aprenderam a mimese
com as ervas daninhas que o rio arrastava,
a areia que foi polindo nossa vida
até sentir o coração erodindo-se por dentro;
assim, como um breve animal que se protege
entre as pedras fragmentadas do peito.

Carecemos de água e luz
e o sonho era a única coisa que refrescava nossa língua,
ouvíamos vozes que vinham de resgate,
lanternas que se grudavam aos quartos,
até que uma lancha ancestral – ainda coberta de escamas –
rompia com sua hélice a senilidade da degradação.

Recebiam-nos com mantas e perguntas,
lavavam-nos o rosto para ver nosso gesto,
levaram-nos a albergues
onde todos tremiam sem algo por dizer,
e depois de instruções ininteligíveis

deram-nos nossa porção de nada
e deixam-nos a sós.

Despertamos no meio da noite
porque do céu caía uma água rancorosa;
ressoava sobre o teto do albergue
e pensamos que logo teríamos
uma segunda orfandade, e a tivemos.

Aquele foi o início de um mau ano,
machucados pela esperança e pela escassez,
e por mais que não hajam demorado a vir os dias claros
nunca poderei esquecer – debaixo dessas longas noites –
o som de um corpo que tiritava,
é algo que não é canto nem é dor,
que vai mais além de tudo isso,
que é uma reza que se apaga na inocência.

Nossa casa seguia caindo aos pedaços
quando a rememorávamos:
ao mencioná-la, um rio invisível
a arrastava de novo
até um céu de escombros.

Talvez até então ignorássemos
que a vida sabe cumprir suas ameaças,
que ninguém jamais se acostuma à perda,
que tão-só se vive com ela
e se espera
às bordas do sonho,
como para abrir uma porta
onde a água já não ultrapassará seus limites,
onde o vento não repousará sua espada,
e o frio seja apenas
um esboço de um mau ano
que parecia não querer acabar.

CANÇÃO DO POBRE

*Os pobres são muitos
e por isso
é impossível esquecê-los.*

ROBERTO SOSA

É até cômico ser tão pobre
e não poder comprar o Golden Gate¹
e sair para a rua obstinado
a lançar tua miséria aos pombos,
cuspir nos janelões da morte,
mijar com raiva em meio à névoa.

É até cômico nunca ter se perguntado
sobre a diferença entre o apetite e a fome,
e descobrir como num encontro às cegas,
qualquer dia
desempregado,
parecendo um estudante do abjeto,
enquanto teus amigos jogam ouija²
e morrem de rir ao conhecer tua sorte.

Olha-te, tu não mataste,
seguiste ao pé da letra
o que diziam os mais velhos,

1 Portão de ouro, em inglês no original (Nota do tradutor).

2 Gúija, escrito assim segundo a Real Academia Espanhola, é uma tábua onde há inscrições de letras do alfabeto e números, ao redor da qual podem-se reunir pessoas com o intuito de estabelecer alguma comunicação com espíritos (Nota do tradutor).

amaste uma mulher,
 tiveste um filho,
lutaste por eles e, ainda assim,
a vida não foi boa.
Reprenderam-te, armaram contra ti,
penduraram-te em ponte
e pisotearam teus dedos.

Foste a uma igreja
e Cristo riu ao ver-te assim,
 enfraquecido,
vestindo a mesma roupa,
os crucifixos de sempre,
inimizando-se com a felicidade,
escrevendo um poema
nos resquílios da chuva.
E agora tens de voltar
àquela casa que conhece a palidez
de tuas mãos vazias,
dar um beijo seco em tua esposa,
abraçar teu filho com vergonha
e olhar essa parede que cai aos pedaços,
porque é muito cômico ser pobre
quando também se nasce
com o signo da beleza na testa,
porque é muito cômico ser pobre
e trabalhar uma terra que não vai dar frutos,
saber que tens feito das tripas coração com a poesia
e se pôr a cantar,
 apesar de tudo,
no momento em que morre a música solar
e o único,
 raro instrumento,
 é tua perseverança.

ROMARIA

Para um homem que leva sua casa nas costas
é difícil caminhar.

Terá sede
e não poderá unir as mãos
para elevar a água,
doerão suas pernas de puro amanhecer,
remando por uma vida simples
seu ódio se afinará sob o sol,
saberá cuspir como quem canta uma felicidade
quanto ao resto alheia, fermentada,
ungida para o outro que pode ser ele
e que lhe atira uma moeda quando passa ao largo.

Sabe que se se agacha ficará assim para sempre
e então a deixa pelo chão,
afasta-se dela até que seu brilho
tiritando redonda nos olhos do cão da morte.

Não poderá encontrar o consolo nas letras,
nem deixar esse peso que carrega
para habitar sequer um aposento
ou olhar de alguma janela
esses homens que peregrinam como ele,
por momentos cambaleando,
por momentos de pé firme
nos fogo escarpado.

Não poderá dizer a todas essas pessoas
que as ama em silêncio,
como se ama o mutismo na parede
ou o som imaginário
dos peixes movendo-se debaixo d'água.

Em sua inocência
pensará em levar à boca
certo Cristo fugaz de tempo e névoa.
Sua fé irá perecer, ou vai querer salvar-se
depois de ter caminhado,
como todos talvez
com um lar às costas,
com sua casa invisível de plena vontade,
pelo caminho só
da noite que se quebra.

A VELA

Na noite que ficou sem luz
por não poder pagar,
o poeta acendeu uma vela
e a pôs num canto de sua biblioteca.

Sentado lá, leu,
rabiscou alguns versos
e adormeceu de cansaço.

A vela permaneceu acesa um bom tempo
e caiu sobre o papel,
devorando em poucos segundos
o que demorou séculos para ser escrito.

Exilado de sua própria casa tornada cinzas
o poeta encontra na rua
um velho inimigo de escola
que ao vê-lo lhe pergunta:

- *Ainda continuas escrevendo poemas?*

E ele, que nada teve e nada terá,
sem encará-lo responde:

- *Sim, ainda.*

HISTÓRIA GERAL DAS SOMBRINHAS

As sombrinhas provêm da noite.

Em outro tempo, sua pele não era de nylon
nem seu esqueleto de madeira ou metal
e sim de clorofila, sangue e argamassa,
e caíam do alto
até as mãos de uma mulher nua;
isto é, a primeira mulher
povoada de selvas e cidades,
de animais feridos e fantasmas,
de ribeiras cujos nomes são impronunciáveis.

A chuva é algo que só chegou depois,
e ocorreu a alguém que não nos devíamos molhar.
Que idiotas!
Fazer por onde deter a tempestade,
guarnecer-se do inevitável com o débil.

Através dos anos, as sombrinhas
foram perdendo seu verdadeiro valor.
Alguns as usaram como bastões.
Outros duelaram com elas pela ausência de espadas.
Houve quem as usou para dançar
fingindo ser feliz no fumacê da lua.

Alguns também se posicionaram contra elas,
criaram capas para não ter que as segurar
mas pôde mais o sentimento de orfandade
na raiz do homem
que aquela falsa pele que para ele inventaram.

Sua fama foi se perdendo
que até chegaram a dizer que dava má sorte

abrir uma sombrinha dentro de casa.
Então as deixavam do lado de fora;
e as mulheres começaram a se sentir nuas
quando não tinham à mão uma sombrinha.
Faziam o amor a salvo, sob tetos
que impediam que crescesse a intempérie.

O homem se perdia em seu conforto
e a umidade era tão somente
a lembrança de um abismo
ao qual ninguém quis regressar.

Depois veio o verão
com seu olho raspando como uma queimadura
e quem saía com sombrinhas ao sol
era tratado de outra forma.

Carregar durante o dia uma sombrinha
era levar uma pequena noite às costas,
era saber que se pegavas um ônibus com ela
a deixarias ali, esquecida em um dos assentos
até que o céu inclemente te fizesse lembrar,
já muito tarde,
porque elas sempre vão querer se perder,
passar de mão em mão até envelhecer
na matéria de todos os dilúvios,
nessa flor de sal derrubada pela água.

Hoje em dia, só os excluídos, os que não têm casa,
as prostitutas e as libélulas
conhecem o verdadeiro valor de uma sombrinha.
Não aquela do cogumelo fulminante em Hiroshima,
não aquela que jaz esgarçada nos sótãos,
não aquela de bronze nas mãos do fazedor de estátuas,
mas a primeira sombrinha, única, imoral, irrepetível,
nas mãos de uma mulher nua
que te olha
e bebe a noite.

DIALÉTICA DO CUBO RUBIK

Nasces, como o cubo Rubik, perfeito.
As cores pertencem a um só rosto.
Desde o princípio achaste a resposta
para o enigma de tua vida.

Mais te valeria ficar por aí,
quieto sobre uma prateleira da biblioteca,
como um objeto sagrado ao qual se recorre
quando se quer responder algo,
compreender o vazio, a alteridade,
as ânsias por queimar-se com o desconhecido.

Não dás demasiada atenção
e num piscar de olhos
tocas um dos lados de ti mesmo,
imaginando as múltiplas combinações
de uma cor a outra, as possibilidades
de voltar àquele estado original,
ao momento em que eras
uma coisa uniforme e plana,
uma forma imaculada
que nunca acreditou pertencer ao caos.

Então deixas de jogar,
sabes que ao sumo ordenarás um
ou um par de teus lados primigênicos
mas terás outros lados cujas cores
jamais se unificarão de novo.

Assim transcorre todo
até que um dia deixas de tentar,
já não tem graça nenhuma o sonho da perfeição
e abandonas o cubo Rubik dentro de teu peito
para que vá empoeirando-se,
como qualquer objeto sem importância alguma,
como a fria deidade da derrota.

MAGNUN 357

Meu vizinho tem uma Magnum 357.
De vez em quando briga com sua mulher
ou chega bêbado espezinhando entre os vasos de flor.
Procura as chaves dentro da calça
e depois passa horas
tentando abrir a porta.
Quando consegue, começa a gritaria,
o choramingado, e depois os gemidos
acompanhados pelo chiado de uma cama
que nunca quis aceitar.

Vai ao quintal com sua Magnun 357
e entre gargalhadas
esvazia seu arsenal contra o céu
até acabarem as balas
ou se cansar.

Depois, o silêncio.
A escuridão que precede um raro amanhecer.
No caminho do trabalho,
meu vizinho me cumprimenta como as pessoas simples;
– psicopata – penso nessa palavra ao avistá-lo,
e apresso-me para pegar o ônibus.
Chegam à minha mente os sons da noite anterior.
Realmente, os que dão tiros dentro do ar
são criaturas de fé.
Quererão ferir Deus, atingindo uma das pernas,
acariciar seu cabelo com o chumbo,
chamar sua atenção

com essa quota de ódio respectivo,
ou assegurar-se de matá-lo
 – os mais ousados –
para ver seu corpo fatigado na névoa.

Mas Deus conhece as armas,
cresceu num dos bairros do sul
onde aprendeu a se esquivar das balas
ou a capturá-las com os dentes.

Por isso quando fala só se escutam trovões.
Jamais escutaram a voz de Deus soando docemente.
Estranha é sua maneira de nos dar amor.
Seu abraço é uma guerra de espelhos incessantes;
seu olhar, um reflexo que perfura a pele.

Nós, que habitamos
 este lado da vida,
 já não acreditamos em nada.

Los que habitamos
 a este lado de la vida
 ya no creemos en nada.

Nos dimos de alta o abdicamos
de un trono en medio del desorden;
le atribuimos al bochorno tropical
esta manía de pasearnos enfermos
por los ventanales del sueño
y las calles del mal.

De todo modo, não se poderia estar pior.
Uns darão tiros dentro do ar,
e outros, como eu, buscarão os farelos da piedade,
agora que Deus habita o bairro
e descende feito chuva
pelo rosto ébrio dos pobres.

SOBRE A TENTAÇÃO

*Ainda não morras! Pensa nos dons
mais radiantes à hora do ocaso:
a música, os livros, a memória...*

EFRAÍN JARA IDROVO

A ideia é sempre tentadora.
As opções se apresentam fáceis.
Despedir-se da liberdade
e atar-se à copa da árvore mais alta
que será consumida na fogueira do bosque.

Muito atrativo seria renunciar,
perder aos poucos a vergonha
e dançar no meio de uma pista em silêncio,
levado somente pelo ritmo da música do corpo;
atrever-se a quebrar o vidro de uma casa
que sempre quiseste quebrar
e cuspir em cima da memória,
para desaprender a falsa graça
que ganhaste na infância,
aquela vidinha que esmagaste um dia
com tua esfera de cristal,
os rostos que chegavam
e logo entravam ou saíam de um ônibus em chamas,
de alguma igreja escura,
de algum verso de Sade
que pela tua boca falava
e caía aos lábios de uma mulher simples,

perecível como o pão
mas rodeada de uma beleza impura.

Como é fácil deixar num papel aqueles planos;
uma nota espiralada em sua própria melodia,
e sair para procurar a água, como os velhos elefantes,
e entrar sem jamais sair
no centro de um lago
de barro e marfim.

Que afita palidez se moveria nas mãos,
que cansado orvalho se apagaria sobre o rosto!
O tempo seria como uma pintura rupestre
nos fundos de uma caverna
ou os créditos de um filme ruim,
onde o ator principal põe fim à sua existência
e, quando baixa o telão,
se levanta rindo do set.

Ninguém nos reconhece na rua
e percebemos
que a arte nem sempre tem a razão:
existimos enquanto dura o contrato,
até que se acabe a canção,
até que pareça feia a pintura,
que não saibamos ler a letra adusta
ou que seque a tinta,
de uns quantos versos
que pretendem abarcar
o aroma fugaz do impossível.

IDADE DO TREMOR

Meu Deus,
se és real
faz desta página uma porta
e dá-me tuas mãos para nomear as coisas.

Faz-me saber
que ainda por este corpo,
amigado às cinzas,
pode caber tua voz
como uma fruta enfim,
perturbadora talvez
mas embriagante,
e que posso fazer de ti
o que eu quiser:
abençoar-te, matar-te,
contemplar o enorme sol
que te nasce sobre o sexo
ou glorificar-te em um idioma
ainda não criado.

Quero saber se existes
por debaixo da almofada ou do pobre leito,
em terrenos inférteis, na quietude de uma árvore,
na hora que espera
dentro de uma prisão
para tocar peles distantes,
suores impossíveis.

Olha o que tempo fez com meu corpo;
e, ainda assim, gozei,
pus sal em cada pedaço de carne comido;
não te importaste com minha infidelidade para comigo mesmo
e que, com outros, cuspisse
sobre o pão e o vinho,
que atirasse poemas aos porcos,
ou que com minhas mãos agarrasse a argila novamente
e construísse um anjo negro
para os dias de chuva.

Com nada disso te importaste;
nem com fazer-te de morto
no dia do meu julgamento,
quando invocava teu nome
nas terras baldias de minhas próprias batalhas.

Agora quero só
caminhar pelado por este quarto
e chamar-te pela última vez.

Eu não sou mais que um arranhão em teu pensamento, meu
Senhor.

Tem piedade desses ossos que humilhaste,
e que as coisas se manifestem lânguidas,
puras em sua própria umidade,
como num sonho em que se dissipam
as letras de teu nome.

AS DÚVIDAS DE JONAS

Por acaso acreditará em mim minha mulher
se lhe digo que este fim de semana
passei no ventre escuro de um grande peixe,
e que esta mancha, esta roupa desalinhada,
esta fome com que chego, revirando as panelas,
cambaleando, é a prova fidedigna
de que andei pregando teu amor aos pagãos?

Tenho medo, Senhor.

Faz com que minha mulher acredite em mim esta noite
ou manda de novo que o peixe
me engula.

O ANIMAL

A nostalgia
é um animal que não morde.
Não sentes o arranhão de suas garras,
sua peçonha não tem efeito no sangue,
não te assedia nem se altera
se lates para ele,
se lhe arranhas inutilmente
ou se lhe cravas tua peçonha
sob o dedo acusador
dos caminhos.
A função desse animal
é ir ao teu encontro
em todas as partes
e te olhar nos olhos,
te fazendo saber
que selvagem
é aquilo que já não podes tocar.

AINDA

Ainda que fales da luz
a tinta será negra.
Por exemplo: Hoje não poderei te dizer
qual era o sabor do sol sob a língua
sem que tenha gosto de cinza a palavra.
Ou isso também:
A cidade encheu-se de heterônimos
e aquele anjo que finjo não ser
pergunta pelo meu nome.
Suave é o encontro do escuro
quando se tem o vício
de depredar o lume.
E assim vais
a esse lugar que pode ser qualquer um
e te tornas coisa celeste,
e quando penso falar de ti
brotam-me os pântanos da fome,
o pus dos papiros,
o sangue pisado da tinta,
em que me dás à luz
para queimar-me por dentro.

ANOTAÇÕES PARA UMA DEIDADE

Sobre minha língua há um cavalo.
Quando todo o mundo adormece, levanta-se
e, como o ar, frequenta os aposentos de minha casa.

Não se deixa tocar, mas o escuto vacilante
no caminhar do frio, alargando-se
como um acorde de violão, ali,
onde a tinta treme na suave memória.

Ele sabe que as sombras galopam,
que os cavalos se perdem na noite,
que descem das estátuas
com a altivez de quem conhece sua estirpe,
que não serão matéria do esquecimento
nem do sonho flagelante.

De um beiral a outro, podem pular sem que os vejam.
Sob a lua tu escutas que eles relinham
se é que sabes que sua força provém da névoa,
do vento que agita a crina dos presságios,
do caminho que se fez
para o trotar das suas patas.

Os deuses não se atreveram a tocá-lo;
por isso o deixaram livre nas savanas,
contemplaram sua glória com um pouco de inveja,
e então mandaram que o homem o domesticasse.

Por isso seremos sempre pobres,
quisemos submetê-lo à espada e ao chicote,
levamo-lo para morrer em batalhas que eram nossas,
e condenamos seu dorso ao traseiro do Rei
que entrou triunfante na terra do roubo.

E, ainda assim, humilhados,
são tão nobres que puderam se entregar ao choro, por nós mesmos;
foram capazes de nos levar para casa
quando nos fere a flecha do álcool.
Reconhecem-nos quando assoviamos de uma estepe escura
ou de uma praia irreal de areia branca.
Até podem se transformar em madeira para brincar com as
crianças.

O certo é que não merecemos o perdão deles.
Uns dizem que os veremos no céu
na noite do Apocalipse;
outros, que surgirão no mar, sedentos, musculosos,
para anunciar a fina metáfora do caos.

O que me dá medo
é que meu cavalo um dia não volte
e em minha língua reste apenas
a continuidade de sua cinza.

CHAVES DO DELÍRIO

Estas chaves conduzem ao delírio.
Aqui as tens.
Foram feitas
a imagem e semelhança de teu medo.

Em seu dorso há cordilheiras,
altas como a *dor mais velha da terra*
e vales que se nomeiam por sua morte.

Em sua cabeça
ainda estão as digitais do primeiro deus,
que, bêbado, nunca pôde abrir as portas de seu reino.
Coitado dele.

Admiro quem caminha na quietude
e sem pensar
lança no meio do lago
as chaves de casa.

Os órfãos possuem chaves contra o fechamento,
e o inverno é uma porta
que se desfaz sem tocar.

Todos nós estamos fora,
de algum modo oportuno,
e o mundo forja chaves
cujas pontas são menores que o punhal;
mas que da mesma forma traspassa,
fere e penetra em giros e estocadas

as entranhas do ferro e da madeira,
para só depois abrir para um lugar que não existe.

Doce é a blasfêmia da chave perdida.
Se não acreditas, escuta a ti mesmo,
agora que levas uma casa de névoa nos bolsos
e todas as portas estão apontando para teu peito.

*Vamos. Abre.
Daqui de fora, teu
coração palpita
como
um
ninho
de
chaves.*

ELEGIA ÀS PEÇAS DE XADREZ

Sem que percebas a seriedade do jogo
às vezes pensas que és o Rei ou a Rainha;
e vês as peças movendo-se
quando uma mão invisível traça uma jogada.
E assim vão caindo os peões, os bispos,
o dramático cavalo e seu salto incompleto
que desenha a inicial dos loucos.

Só umas poucas torres, de resto insuficientes,
velam para que não se apague o fogo do monarca.
E nem sequer sabes se és preto ou branco;
nunca conhecerás as feições
desses dois rostos acima do tabuleiro,
nem qual dos dois dará o xeque-mate
que acabará com a nobreza e também com os plebeus.

Então entendes tudo.
O jogo não se trata da importância de uma peça,
nem da dúvida sobre a mão que se detém no ar
e volta tranquila à quina fria da mesa.

Tudo termina certamente
quando o tabuleiro é dobrado ao meio
e tocas o peão e dizes *irmão*
e tocas o rei e também tu mesmo
e te vês encurralado
na própria fugacidade daquelas formas
como na vida real,
e também como
na morte.

MEDITAÇÃO DO CORVO

Às vezes me persegue um corvo.
Como a Poe, em seu voo me diz *nunca mais*,
toma minha carne por comida e consequência
e justo quando penso que se foi
o vejo em frente,
grasnando desde o fundo de um violino,
esquadrinhando com seus olhos este fogo.

Há um corvo em cada passo de minha vida.
Estiveram lá na vez em que estava doente,
peneiravam-se à sede da morfina,
descansavam nos ombros das freiras.
Estiveram lá quando pensei me perder
e a gente da cidade se vestia com suas plumas,
brilhavam contra o sol e me deixavam cego.

Vi corvos arrogantes na tumba de minha mãe
e em vez de pedras
só pude atirar-lhes
umas míseras palavras
que eles devoraram antes mesmo de cair ao solo.

Houve corvos quando fui
ao alto de um telhado
e pensei nas possibilidades do vazio.
Também quando fui feliz,
quando ria até rachar o coco,
quando disse amá-lo todo
e o escrevi sobre a pedra.

Havia um corvo que rondava em solidão
e suas garras me roubaram a voz.

Agora sei que não irá embora
mesmo que eu finja dormir a estas altas horas,
em que que escuto suas palpitações
mais dentro ainda do sonho.

Este corvo envelheceu junto a mim
e já é tempo de enterrá-lo sob a neve;
abrir com uma tesoura o coração
e retirá-lo dessa cela onde ficou preso,
onde dia após dia dividimos água e pão.

Juntos cantaremos *nunca mais*;
e assim a vida cumprirá suas promessas,
e assim o que agora dói
não haverá doído em vão.

O TIGRE E A ROSA

Chamamos de beleza a ferocidade.
O que não é vão, nem objetivo,
como quando por atrás da chuva
se aproxima, intimidante,
sem sequer respirar,
atraído pelo seu aroma
ou as linhas de sua própria geometria
e de uma só precisa mordida
a rosa
 devorou
 o tigre.

CICLISTAS DA LUA

Para chegar à lua
não é preciso uma nave-foguete.
Basta pegar uma bicicleta,
fechar os olhos e pedalar
até que o chão levante
o pó dos astros.
Para llegar a la luna
no es necesario un cohete trasbordador.

Não interessa se está chovendo
ou se o vento enfeita
a cabeleira das árvores.
Não importa
se os suicidas apertam as mãos
e põem a cabeça
na rota de um cometa.

O essencial é que continues pedalando
e leves luz nos bolsos
para dar de comer
aos animais da lua.

Na lua tem um violino que nunca cessa.
Na lua crescem uvas de saudade.
Na lua tem um rio
que não dá para tocar
porque é feito de espanto.

Quando pensam que estão a sós,
os ciclistas disputam corridas
e freiam de repente
deixando uma linha com as rodas
no solo da lua.

Ao meio
há uma Vênus de Milo adormecida
que posa para as câmeras dos turistas.
Também há uma flor, só uma,
um Partenon de prata
e um grafite que reza:
o importante é que exista a noite.

Eu observo tudo por um telescópio
e danço ao ritmo do timbre de tua bicicleta
que neste momento parte
como um cavalo de sal
na direção da lua.

PENSAMENTO À MEIA-NOITE³

Para que as riquezas,
os palácios
com suas muralhas incessantes,
se posso cuspir
esta noite no charco
e fazer que a lua dance
tão só para mim?

3 Em inglês no original (Nota do tradutor).

FESTIVAL DA LUZ

Aos nove querias ser bastoneira⁴
e desfilas com um vestido de gala
no Festival da Luz.
Mas nunca pudeste.
Nunca pediste nada por temor
de que te repreendessem teus pais.
Os trajes eram caros
e a escassez reinava.
Tinhas que te conformar
em ver o festival numa televisão
em preto e branco,
e imaginar as cores dos jogos de pólvora,
as bombinhas dos carros alegóricos,
e abstrair que eras tu
essa menina de nove anos
que marchava com o sorriso em brasa,
movendo sua mão
para te dizer adeus, pela tela da TV.

4 Versão aporuguesada da palavra “bastonera”, que designa um tipo de pessoa que coordena bailes ou que comanda uma banda musical (Nota do Tradutor).

PLACENTA

O menino que não pôde nascer
hoje deixou o útero materno
para se instalar no coração das madeiras,
para se salvar num eco de cordas.

Assim brinca nas artérias do ar,
conhece a carne, a perfeição
e a água silente das lágrimas.

Já é uma gota de algodão,
uma data guardada entre as mãos,
uma aprazível tempestade que se apaga.

Em seu espelho recomeça a história.

Tudo volta a ser claro
no cristal amniótico
e assim empreende sua viagem novamente,
aferrado ao cordão umbilical
de quem o sonha.

UMA VOZ LÁ DE FORA

Às vezes queria ter uma casa para fugir dela.
O filho pródigo que levo dentro pede por isso.
Que na lembrança não fique pedra sobre pedra
nem a esquisita bênção da tranquilidade.
Que todos nossos passos conduzam à errância,
à fábrica de corações nômades
que irá forjando o tempo.
Só aquele que se perde conhece o valor do caminho.
Só quem vai embora de casa
lutará com dor para merecê-la.

A CONSTÂNCIA DA BRUMA

Vou à varanda.
Hoje à noite a bruma está tão densa
que quase posso tocá-la com as mãos.

São os primeiros dias de novembro.
Distante,
 uma luz,
 e outra,
 e outra mais,
reaparecem ao correr o vento
por uma rua
que não dá em nenhum lado.

Sabe-se que é qualquer coisa
quando se escuta o mínimo véu do ar:
o latido de um cão vindo do submundo,
o avião que se rompeu no chão
de uma casa vizinha,
a batida de uma porta que se fecha
como uma flor mortal feita de nuvens.

Ainda que quisesse,
não conseguiria abrir os lábios
e quebrar a quietude
que se desprende desta noite,

e tocar essa outra pessoa, que não sou eu
e que também abre as mãos
lá do outro lado
para pegar a bruma,
sob a lenta luz
do não-dito.

SÉPIA (Dia dos Mortos N° 1)

Hoje os pequeninos perguntam
pelos seus tios mortos.

Fotografias em sépia
que se aderiram aos porta-retratos
enquanto a mão rugosa da mãe
faz um ritual
no qual o vidro se funde
com a hera e com o tato.

A cada ano põe uma lamparina
e reza o rosário dos dias ausentes.
Deixa uma oferenda de bolachas,
frutas e rum para que nesta estante
as almas reconheçam de novo
a breve taça do prazer.

Os pequeninos não entendem essas coisas
mas seguem a avó
na onda hipnótica dos *deustesalve*
e um amém distante
que se rompe nos altares.

Na casa o choro é interrompido
por uma brincadeira das crianças.
A dor é como um gato
que dorme à janela
e desce dali
apenas para se alimentar dos sonhos.

Nos porta-retratos

os tios ausentes

vigiam os beirais da madrugada

e suas mães voltam para colocá-los para dormir

—agora e na hora de sua morte—

no útero comum das lembranças.

ENQUANTO OLHÁVAMOS UMA FOTO DE VALLEJO

Partimos da premissa
de que o poeta é um ser das sombras.
Não como um anjo gótico,
com uma flor maldita guardada no bolso,
senão das sombras, simples e meramente.

Ninguém lhe falou que escolhesse o fracasso,
nem que contivesse o sorriso
nas mais estranhas circunstâncias,
mas o poeta por acaso foi chamado
a servir de testemunha para a infelicidade,
foram-lhe encomendadas
certas doses de sofrimento
e uns alguéns gastaram sua dor de tal forma
que chegaram, como Pessoa,
a fingir sentir dor, para poder senti-la.

De nada lhes serve a verdade,
nem morder com seus dentes postiços
a cabeça de uma fênix.
Aos poetas não cai bem
isso de posar para as fotos;
geralmente saem pálidos ou despenteados,
muito magrinhos o muito gordos,
e seus olhos de fome
sempre estão olhando para outro lado.

Um dia encontrei uma foto de Vallejo;
estava fazendo a limpeza anual das férias
e ela caiu de uma das estantes da biblioteca.
Você olhou para o chão e a pegou,
e segurando-a por um dos vértices me disse:
então é assim que acabam os poetas.
Eu não falei nada, tirei o pó da foto
e guardei-a de novo entre a página 23 y 24 de Trilce⁵.

Talvez tivesse razão.
É possível que algum dia
eu acabe velho, apoiando a cabeça na bengala,
com duas malinhas cujo conteúdo ignoro,
esperando o trem
que não há de chegar jamais à estação,
senão talvez a umas poucas palavras
ou rabiscos que se estendem
de um lado ao outro do que foi minha vida.
E é que às vezes quero rir, mas isso pega mal,
e é que às vezes te ouço chorar
dentro do quarto
e se torna espuma
teu rosto, se o toco.
Estou cansado de ser um trabalhador normal
e que me tomem por respeitável.

Mas voltando por onde andávamos;
ah, sim, os poetas são seres de sombras,
e apesar de si mesmos, um dia
têm a necessidade de iluminar tudo no mundo.
Então procuram a tinta,
enchem os bolsos de poemas

5 O livro de poemas mais famoso do poeta peruano César Vallejo (1892-1938).

que não deu tempo de escrever,
fumam um cigarro, apagam-no com a língua
e assim, ante os olhos atentos
dos leitores que ainda não são seus,
saem em direção à noite sem fim,
transmutados em uma grande
 tocha humana.

UMA TEMPORADA COM BORGES

Eram os primeiros dias do verão,
às vésperas das provas finais na universidade.
Dormia a sesta
e sonhei que Borges saía de suas *Obras Completas*
e me pedia que o levasse ao prostíbulo do bairro.

Ao princípio duvidei, mas que diabos!,
fomos voando numa motocicleta.
Ao chegar, numa das portas rezava um aviso:
*Lasciate ogne speranza voi ch'intrate.*⁶

Os olhos de Borges saltavam e se moviam
como os de um camaleão,
enquanto lia Goethe em alemão
ao ouvido de alguma das cortesãs.

Bebíamos como cossacos e a coisa ia ficando boa,
nosso querido Georgi desapareceu
com uma dama por um dos labirintos
e depois retornou pelo espelho do banheiro do bar.

Ria e desfrutava como nunca,
mas logo foi ficando taciturno,
como se apagando por dentro,
e me disse que Kafka o perseguia em sonho,
que Heráclito estava errado,

6 Em italiano no texto original. Trecho d'A Divina Comédia, de Dante, que traduzido ao português corresponde a "Os que aqui entrarem percam a esperança" (Nota do tradutor).

que Whitman doía nele como Jesus,
que guardava sua cruz num estojo
e lhe ensinava a dançar tango
para salvar sua alma.

Então guardou a jaqueta,
agitou a bengala
e o coitado do Borges
voltou a ser o velho, cego,
coitofóbico de sempre.
Tivemos que irmos embora do bar.

Eu o levei na motocicleta até sua casa,
onde o ajudei a vestir-se de novo
com aquelas *Obras Completas*
publicadas formosamente pela Seix-Barral⁷.

Estava disposto a ir-me embora
para continuar a festa
mas antes de fechar o livro me disse:
Acorda, cara,
que amanhã tens prova
de literatura comparada!

E acordei, já era muito tarde.

Eram os primeiros dias do verão,
Borges se escondia num maldito Aleph⁸
e eu teria de repetir a disciplina
no próximo verão.

7 Editora argentina (Nota do tradutor).

8 Famoso livro do escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) (Nota do tradutor).

TARÂNTULA

O medo faz a tarântula existir.

EDUARDO LIZALDE

Pobre daquele que em sua solidão
tem uma tarântula subindo pela garganta.
Quererá voltar ao sonho
e correr para longe de sua casa.
Quererá morder os lábios,
para arrancar o beijo,
que agora é como pasto
ou lenhosa umidade
para umas grandes patas que caminham
pelos lentos venenos dos dias.

Será menos que uma sombra
na parede imóvel,
não poderá deixar de olhar
em breves espelhos d'água
os muitos olhos que o afogam
em um frágil reflexo.

Nunca poderá tocar de novo
as escamas de outra pele nua.
Não poderá penetrar tão-sequer
nas cálidas entranhas da ira.

Verá a película que envolve sua vida,
ouvirá a mandíbula ranger
para o festejo do verme;

rápido imaginará a tarântula
cruzando o fogo sem se queimar
e sentirá inveja,
terá que se apressar e tragar sem contorcer o rosto.

Somente poderá mover os braços
num último gesto de horror ou valentia
para esmagar contra seu próprio corpo
aquela mão única, espinhosa,
como advinda do salitre dos tempos,
como fígada de algum escuro buraco
onde espreitam a lembrança
e a tarântula.

GARÇAS

As garças fogem em direção ao sol no fim da tarde.
Pretendem retê-lo para sempre.
Voam em multidões simultâneas
pois as sombras rapidamente
cobrirão esses prados.
Persistem.
Não perguntam nada.
Só voam e são brevíssimas.
E ainda que em seu quieto trânsito
tudo pareça inútil
não zombo de sua ingenuidade.
Se eu fosse uma garça
também voaria na direção da luz.

ORQUÍDEA

Aproximo-me da orquídea
para aspirar seu aroma.
Observo-a longamente.
Terá está flor
a esperança de viver
para sempre?
Ontem alguém a cortou
e eu me apaixonei.
Ela sabe que morrerá,
e ainda assim fica me observando
e pensa em seu interior:
cortaram este homem pela raiz,
não durará para sempre.
Será que ele sabe?

CRER NO INVISÍVEL

Protegei-me, Senhor, das religiões.

LASSE SÖEDERBERG

Os ateus são criaturas divinas.
Existem ateus de muitas formas e cores.
Há aqueles que, por alguma razão,
e em geral por ódio infundado,
não podem conceber que um deus lhes diga
que não podem amar
a mais de uma garota.
Ao menos isso foi o que ocorreu com Gonzalo Rojas,
e se desfez duramente daquele deus
que lhe impunha monogamia nas orelhas
como uma rosa triste.

Também há os quânticos.
Os que necessitam da medida exata do céu
para crer nele, e se desacreditam
quando um fogo celeste queima numa noite qualquer
o frustrado papel de sua equação perfeita.

Por sua vez, há aqueles que creram
mas não tiveram tempo de sofrer o suficiente,
de maltratar o próximo, de cultivar um vício,
de negar uma mãe e conhecer o fundo baixo
dos anos perdidos, e morreram assim, sem graça,
sem a lenta vocação de tudo que é terrível.

Outros são como o ar que gira
no relógio de areia: nem ásperos nem leves,
mas falam sempre dessa mão que dá voltas
quando o último grão de areia cai
e se perguntam por ele, olham-no fragilmente
e dão importância ao tempo
que diz que ele não é ninguém.

Haverá quem erga estátuas
a um Deus desconhecido para esculpir seu rosto
e encher de barro o templo
que tem carregado em seu peito eternamente.

Querem apagá-lo, sucumbi-lo, reinventá-lo,
mas suas forças não são suficientes
para criar essa presença abstrata
onde Seu nome é uma porta entreaberta
feita de muitos nomes.

Provoca-me um tipo de compaixão e graça
que os ateus passem a vida falando de Deus;
eu no fundo comecei a acreditar
que não estão sozinhos, que não estamos sós,
e que a fé consiste em ter em vez do coração
um grande bloco de gelo
que permanece intacto,
sob o mais duro sol.

O CADERNO AZUL

Debaixo desta página está o mar.
Deixei-o intacto
onde o sal se rege pelo teu nome.

Deixei-o adormecido
para que toquem teus dedos
a superfície da água,
e se formem ondas
como epitáfios silentes que despertam
quando já não há eternidade.

Cada palavra é um caminho para o mar;
e não podes ver
ainda que o mundo se desfaça em miragens,
em breves barcos tecidos pela névoa,
em marinheiros que se despedem
numa costa inexistente.

Sozinho à noite, escutas
o mar pestanejando
como se te olhasse um anjo
com o copo do tempo numa mão
e na outra um punhado sinistro de cinza.

Depois do mar não existe nada,
só a ponta do pé
que busca o fundo sem conseguir,
só outro corpo ao teu lado
que te olha e se afunda,
mas não sabe que é a vida
quem o puxa para baixo,
quem lhe põe na boca a última palavra
e que longe de si, em outra superfície,
é um ar inútil.

Não culpes o mar,
a lembrança é aquilo que te afoga,
a espuma que brilhou em tua história
para depois desfazer-te.

Agora o caminho te levou longe
e se olhas para atrás,
a areia haverá absorvido a tinta;
e crês por um instante
que és parte daquela imensidão.

Deixas levar-te pela corrente.
Flutuas ou te afogas, tanto faz.
Não és nada. Não respiras.
E, entretanto, escreves num caderno azul:
Debaixo desta página está o mar.

NOTAS DE RODAPÉ

Sento-me à mesa de trabalho.
Releio certos livros, preparo um chá
e trato de rabiscar algumas linhas
para finalizar meu mais novo livro de poemas.

Os temas continuam sendo os mesmos
desde mais de vinte séculos:
o amor, a morte e a passagem do tempo;
o quão me custa fazer poesia
ou o compromisso dela no mundo exterior.

Meu editor diz que vou bem,
que com sorte até poderia ganhar
um prêmio literário.
Para como anda a situação, isso seria estupendo.
A casa precisa de uma mão de pintura
ou talvez com o prêmio pudesse comprar
uma motocicleta.

Sorvo um gole de chá,
e guiando-me pelas linhas
de um poeta pouco conhecido num país também desconhecido
começo os primeiros versos do que será
o último poema do meu livro.

A fonte da pena desliza com força.
Escapa-me uma metáfora.
Trato de manter o ritmo
como um esquiador que desce
na leveza da neve.

Tudo flui até que o texto se acabe
e fico destroçado em uma das esquinas do estúdio
como o sangue que brilha
no traje de puríssima e ouro⁹ do toureiro.

Estou quase ligando para o meu editor
e escuto gritos, socos, bofetes,
o barulho de uma turba.

Justo ante minha casa
o bairro está linchando
quatro caras que assaltaram
um taxista informal.

O mais velho deles não tem mais de dezoito anos.
Deixaram um deles totalmente pelado,
suas costas estavam iguais às de Cristo.
O outro que está com os olhos inchados
e a boca cheia de sangue pede que o perdoem.

A turba não dá trégua.
Os outros dois se esconderam numa casa
e a política tenta que eles saiam de lá
mas o medo àquelas pessoas tão comuns supera tudo.

Todos olham para fora
e eis-me aqui, no meio da rua,
com meu manuscrito e minha xícara de chá.

A poesia também sabe fazer justiça por suas próprias mãos.

As pessoas se dispersam, cada qual vai a sua casa,
e volto à minha mesa de trabalho.
Deixo o telefone em seu lugar

⁹ Referência à música “De purísima y oro”, do cantor e compositor Joaquín Sabina (1949-) (Nota do tradutor).

e penso novamente no poema,
no *amoramortecapassagemdotempo*
e no tanto que nós poetas mentimos diariamente,
esses abutres de papel.

Decido então começar uma vez mais,
e desta vez o mundo é real,
como o frio na minha xícara de chá,
como o medo que se adere
às fendas de ventilação da minha casa,
como este tremor nas mãos
sempre que trato de escrever sobre a vida.

A CASA EDIFICADA

*Não temos a casa ainda,
temos as pedras.*

EDUARDO LANGAGNE

Tenho trinta anos e ainda não tenho casa própria.
Talvez só este punhado de pedras que se amontoam,
como dedos sobre o vidro que separa
meu coração do meu silêncio.

Tenho vivido nos subúrbios da febre,
saltando de um lado a outro
de algum relógio fumegante entre as chuvas
e não pude encontrar um amanhã
no caminho até o umbral,
a impávida porta
que pode em sua paciência me receber.

Contei os degraus da errância
e ainda que não viesse sozinho
a viagem foi se enchendo de rosas
que se abriam para dentro;
de murros sobre a negra artéria da noite,
de galerias de paredes de pele
e retratos que convalesciam no pó.

Se fosse por mim ficaria na intempérie
mas já tive um filho ao qual legar meu nada,
e nasceu-me uma esposa na umidade;
eles me demandam estrelas e uma vida decente,

que me fadigam até a autoexploração
e a cantar com marimbas, risos intensos,
aquilo que finge doer ou que de verdade doa.

Porque espreeitei demais a loucura,
porque acreditei na glória obscena da luz,
porque tive que dormir no banheiro de um bar,
porque as contas não saem de mim
e volto a contar com algo de esperança
ajuda-me, Senhor,
a encontrar um lugar onde eu possa viver-me,
a estreitar minhas ligações com a terra,
a submergir no barro de uns olhos tranquilos.

Um punhado de pedras
não é suficiente para edificar a casa.
Teria que trazer minha voz na contramão do mar,
comercializar a madeira em troca de fogo,
cuspir o cimento dos anos gastos,
medir a claridade do dia
como uma ausência prodigiosa,
pôr estacas nas esquinas de tudo aquilo vivido
e com estas mãos começar,
pedreiro de mim mesmo,
a dar forma a esta casa incorpórea
na qual habitam desde então
todos os meus mortos.

REFÚGIO TEMPORAL

Perdido na tundra,
nos pântanos, numa ilha,
numa montanha coberta de neve,
à sombra de uma incerta vastidão,
algo que desconheço ri de minha sede,
do medo aos meus depredadores,
de minhas ânsias de me jogar num rio
e ter um peixe escorregadio entre as mãos.

Como desejasse encontrar algum fruto,
em alguma árvore,
algum animal morto
que pudesse ainda ser comido.

A cada instante tenho que ignorar aquela voz,
e recolher a lenha seca, a isca,
esfregar uma pedra na outra
até que saiam faíscas,
morder o fogo
e descansar
neste refúgio temporal
que construí para minha sorte.

E assim volto cada manhã
para que venha o dia e fazer o mesmo:
continuar vivendo
sob um céu repleto
de beleza e cinza,
e dizer àquela voz que sigo aqui,

em algum lugar da vasta intempérie,
e ainda que meu corpo seja frágil,
e que eu viva às cegas
e tenha fome,
sua garra não poderá me capturar
ainda.

PESCA

*Quando algo nos fere,
voltamos às margens de certos rios.*

CZESLAW MILOSZ

Digamos que alguém inicia sua viagem ao desconhecido.
Alça os olhos para vaticinar o clima.
Desce por escarpadas rochas até chegar ao rio.
A lentidão camufla a densidade da corrente.
No fundo, sabemos, todo rio é turvo.

Prepara a armadilha com a vara de pescar
e joga para longe o chumbo que desnuda o peso do ar.
O tempo é isso que transcorre
entre a volátil quietude e a corda que se estende.
E assim vão as estocadas,
pegamos cada tanto
e jogamos para trás.

No fundo uma fera se contém.
Ziguezagueia na escuridão da água
até que um dos dois chega ao cansaço
e se entrega à vontade do outro que o espera.

Mas sempre há um risco.
O anzol que regressa a tuas mãos
pode vir vazio, e ainda assim pesar para ti,
como um corpo que pula
e se afoga ao sol,
entre as pedras,
imaginando teus olhos na água.

SOBRE A MULTIDÃO

Escrevo para os mesmos
quatro gatos de sempre.

Os gatos que se apinham,
me arranham, me iluminam.

Os que vão com sua fome
miar nas artérias do telhado.
Os que não precisam
da presença da lua.

Pontuais como são,
não passa um dia sem que seus olhos
me ditem os fragmentos da morte.

Um a um tomam seu lugar
no centro da sala,
nesse tênue espaço
no qual não sou nada a não ser um fantasma;
um acorde repetido,
uma catedral vazia golpeada pelo estrondo
de uma gota de sangue que insiste em cair.

Por sua altivez
ninguém os suporta nem os guia.
De nada serve que eles reencarnem sete vezes
sob a mesma forma de leveza.

Não entrarão suavemente
dentro da boa noite,
nem darão bola ao anjo
que prediz a destruição da cidade.

Nada nunca é suficiente;
sempre há algo a dizer
e eles me escutam.
Olham-me sem cessar.

Sabem que antes de apagar-se a luz
deixarei meu coração no vasilha de comida deles.

TRATADO DO QUE É EFÊMERO E PODE-SE DAR NOME

Como uma lebre vivaz que pula entre as chamas,
o poema escapole da mão
e dá nome às coisas antes de destruí-las.
Teu nome, por exemplo, ou o meu,
deixam de ser esses nomes reais
que reflete o que somos,
e passam a ser o que dita o poema:
Tigre, rastro, pena, rua, cais.
Tantas formas dispostas para um voo escuro.
Tanta ocasião de sonharmos coisas distintas.
Tantas maneiras de ver
e não tocar o fogo que ao arder
nos recorda com seu eco
algo do primeiro nome que tínhamos,
bailando como um raio
na ponta da língua.

DALILA

Te amo porque sois bastarda como eu
e tua linhagem é gelo e a noite que se acaba.
Porque tu vai chegar cheirando a azedume
e tu vai se jogar na poltrona ao meu lado
e não te incomodam meus gritos e blasfêmias.

Te amo porque tu desdenha quem te odeia
e da tua altivez
passa teu rosto tornando-se náusea
e tu vai levando em tuas garras
a sombra dos dias,
e teus olhos consomem parte de mim,
este animal que fui quando envelheci.

Te amo porque sei
que me abandonarás em algum momento,
não te verei morrer
e tua ausência apenas será
um espaço vazio no estúdio,
uma bola invisível
que lançarei contra a parede tantas vezes,
um murmúrio sereno
mirando longamente
nas lombadas gastas dos meus livros.

REMENDOS

Como faz falta uma mãe na alta hora,
quando a noite regressa ao coração
com seus remendos, com seu casaco empoeirado
de tanto se adequar aos presságios do dia,
a meia faminta que se autodevora
em buraquinhos, o lenço cansado
de enxugar os fluidos que não pertencem ao seu dono.

Por Deus, como faz falta uma mãe
agora que retornam as horas com seu tomo de sono,
e os papéis do escritório se levantam
como abutres brancos no meio da quinzena,
e a pobreza nos faz viver
na capital do vazio.

Aqui não se trata de voltar
ao peito invisível que o destino nos nega,
nem de beber a pele a desprender-se em fiapos;
não se trata de temer a velhice
e continuar sendo um nômade
que tem o peso de uma pedra em seu bolso,
nem tampouco se trata de acender os olhos
para negar o frio que se traduz
nessa lua esquelética, raquítica,
que levam na língua os órfãos.

Trata-se talvez de algo mais simples,
de entrar novamente pela porta dos fundos da casa,
e ser esse menino com os joelhos ruins
que soluça na sala vendo
como sua mãe pega a linha e a agulha
e remenda seu informe escolar.

Então pensará:
Como faz falta uma mãe
que dite um esconjuro para vencer o tempo
e desterrar, sem duvidar disso,
a linguagem sem pressa das lágrimas.

CONVERSA ENTRE ALMOFADINHAS (Dia dos Mortos N° 2)

Pego entre as mãos
uma pequena caveira de cerâmica,
pintada com flores e folhas
que brilham frente às lamparinas.

Sobre um altar improvisado
estão meus mortos.
Não sou signo de falar deles por ora.
Talvez em breve conte algo do que foram suas vidas.

Nesta linha deve haver um silêncio
que abarque a totalidade da página;
ainda assim, escrevo
e os rostos aparecem
para beber esta noite, dançar,
comer, fumar uns cigarros
até que o amanhecer os obrigue
a de novo cruzar a ponte.

Assim vai passar um ano para que voltem a fazer isso de novo.
Esperarão sua vez, contemplando-nos imóveis
a partir de uma fotografia que vai perdendo consistência.
A morte deve ser um lugar solitário
mas, mesmo assim, de vez em quando, nos dá uma trégua a nós
todos.

Enquanto isso, pergunto-me
por que quererão me visitar
aqueles bisavós que nunca conheci.
Quererão me dizer algo? Retificar algo?
Seu silêncio é ilógico e inútil
como uma linha vazia num poema,
como os olhos ocos
desta caveira de cerâmica
que ora sim ora não vejo bater as pálpebras.

Mas, para dizer a verdade, pouco me importa.
Suponho que aproveitaram lindamente, e eu também;
até falo com elas para não me sentir só.

Tudo se tornou
uma espécie de jogo,
onde um parente num futuro distante
põe minha fotografia no altar da família,
e ainda que não me conheça
me dá comida, cigarros e algum trago,
para que dance até o amanhecer
e volte a cruzar uma ponte
e sinta por um momento o gozo
de quando estive vivo,
e apenas aspirar o aroma de uma flor
já era uma festa.

CULTO PESSOAL

A vida então se reduz a isto:
Pegas minha mão que treme
enquanto entramos no oráculo
onde fluem dois mananciais;
um consagrado a Mnemosvne
e o outro ao grande Leteo.

Sabes que o que vais dizer
não me lembrarei amanhã,
e sei também que agora minhas palavras
são como uma espécie de prece
que não sabemos se os deuses irão cumprir.

Mas por dentro continua tremendo nosso sangue
e ainda continua nos saciando no escuro
a vasilha quebrada da fé.
Por isso insistimos em levar à orelha
a vibração da água,
por isso deixamos que a idade
enrugue nosso rosto,
por isso permitimos que a sede
nos embriague plenamente em seu tempo inoportuno.

Amanhã, se é que chegará o amanhã, esqueceremos tudo,
e mesmo que não estejamos morrendo,
sentiremos como um frio metal
a cruel vergonha de viver sem o outro.

Tu passarás ao largo
falando não sei o quê, em um idioma estrangeiro;
eu atravessarei uma rua
e levarei à minha face uma mão que treme,
até que o último Deus,
– cansado de nos conhecer –
termine de gargalhar.

EM DEFESA DO SAPATO

*Barman,
sapatos para todo mundo
Eu pago!*

CÉSAR YOUNG NÚÑEZ

Quando estiverem gastos meus sapatos,
quando meus dedos se assomem por seus orifícios
e as solas dos meus pés se sintam
mais perto da terra devido à debilidade das solas,
não darei meus sapatos de presente nem os jogarei fora.

Continuarei usando esses sapatos como no primeiro dia
até que se tornem cinzas ou eu me torne cinza,
e a única coisa reluzente, quase nova, seja o caminho.

Juro que esses sapatos jamais enviuvarão;
que não terei inveja do brilho do mocassim
nas lojas do centro comercial.

Perfeitos serão para minha caminhada
como dois cães fiéis dissecados,
curtidos pelo sol e pela chuva,
companheiros do barro e dos azulejos
onde um pequeno Deus tatuou suas digitais.

Por acaso Deus não usou sapatos também?
Não o imagino fazendo seus milagres,
caminhando entre os corais da praia,
em um de seus templos,
ou mijando ao meu lado num banheiro de bar

com os pés descalços.
Certamente deve ter tido sapatos
e estavam mais surrados e sujos que os meus.

Dizem que para nos humilhar
a morte nos obriga
a entrar descalços em seu reino.
Entretanto, os homens mais robustos que conheci
morreram de botas calçadas:
Thoreau, Mandela, meu avô Mario
que não sabia escrever, mas falava de poesia,
e pediu que o enterrassem com seus sapatos.

Às vezes tenho a segurança
de que se saio para a rua no meio da noite
o encontrarei caminhando e me dirá:
No dia que te sintas cansado
e decidas fazer uma casa,
construa-a em forma de sapato.

O AQUÁRIO

Contemplo o aquário vazio, sem água,
com umas tantas pedras secas coloridas
e um naufrágio que me remete ao mar.

Escondi-o no quintal para que meu filho não veja.
Jack, seu peixe beta, morreu semana passada.
Ele mesmo o encontrou boiando, e sem chorar
pegou o peixe putrefato e o jogou no sanitário.
Ao dar descarga, despediu-se dele dizendo:
Tchau, Jack, vai ao céu dos peixes.

Depois me deu o aquário e continuo a brincar
como se nada tivesse acontecido.
Sua frieza e equanimidade me pareceram surpreendentes.
A maneira que encarou essa pequena morte
serviu de lição para mim,
que cada perda me dói igual
sem importar o tamanho;
que a cada tanto me doem os próprios mortos,
os alheios, os anônimos,
os que não vão ter nenhuma despedida antes de submergir
num oceano calmo ou num formigueiro verde na terra.

O aquário permanecerá vazio em algum canto do quintal,
suas pedras secas, quase vivas.
Seu naufrágio me lembrará algo
que não lembro agora,
e os peixes seguirão povoando o céu
como nuvens barrocas e intocáveis.

O DESVÃO CELESTIAL

Vamos supor que morro e que tu também morres.
E vamos, por azar, a algum desvão celestial.
E tentamos falar e não sabemos como.
E inventamos sílabas, fonemas, palavras
para poder nomear o que nomeamos.
E não é a mesma coisa se dizemos oceano, ferida, jacarandá.
E, ainda assim, te entendo e tu me entendes.
E num instante voltamos à vida.
E a Linguagem já não nos pertence.
E as palavras voam ao nosso redor,
indizíveis como anjos ou insetos.
E ao nos ver, nenhum dos dois lembra
o nome do outro.
E o tempo edifica um monumento às palavras caídas.
E passamos sem falar nada ao toparmos com um novo azar
em qualquer resquício da vida continuada.
E ao tentar dizer o que foi que nós vimos
nos perdemos de novo naquele desvão celestial,
onde repentinamente já não há morte, nem feridas,
nem jacarandás, nem suposições, nem Linguagem.



Juan Carlos Olivas (Turrialba, Costa Rica, 1986). Estudou licenciatura em Letras – Língua Inglesa, na Universidade da Costa Rica (UCR). Trabalha como docente. Publicou os livros de poemas *A Sede que nos Chama* (2009); *Didrios*

dos fatos consumados (2011, pelo qual foi reconhecido com o Prêmio Nacional Aquileo J. Echeverría de poesia 2011 e o Prêmio Academia Costarricense de Letras 2012); *Enquanto ardem os cumes* (2012, livro que rendeu ao autor o Prêmio de Poesia UMA-Palavra 2011); *O Senhor Pound* (2015, Instituto Nicaraguense de Cultura, Nicarágua, 2015, vencedor do Prêmio Internacional de Poesia Rubén Darío 2013); *Os seres desterrados* (2014), *Auto-retrato de um homem invisível (Antologia pessoal)* (El Salvador, 2015); *O Manuscrito* (2016 – Prêmio de Poesia Eunice Odio 2016); *Em honra do delírio* (El Ángel Editor, 2017 – Prêmio Internacional de Poesia Paralelo Zero 2017, no Equador); *A Filha da Água* (Amargord Edições, Madrid, 2018) e *O ano da necessidade* (Edições Deputação de Salamanca, 2018, vencedor do Prêmio Internacional de Poesia Pilar Fernández Labrador 2018).